

EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS: UM CONJUNTO DE EXPERIÊNCIAS QUE DESAFIAM O CONHECIMENTO CIENTÍFICO ATUAL

Geralda Erilene de Oliveira Saraiva

erilensaraiva@hotmail.com

RESUMO

As vivências anômalas são compostas por uma série de desafios para a Psicologia, Psiquiatria e, por conseguinte, para a ciência. Essas experiências sugerem que o ser humano apresenta características desconhecidas no âmbito clínico, como por exemplo, os casos de sinestesia e/ou alucinações aparentemente paranormal. Resgatando uma perspectiva mais antiga, as ocorrências de experiências anômalas são descritas desde os primórdios da humanidade, sendo assim, crucial consideramos e compreendermos não somente a ocorrência desse fenômeno, mas também a revolução científica diante desses episódios.

Palavras-Chave: Experiência Anômala. Psicologia Anomalística. Fenômenos. Ciência das religiões.

ABSTRACT

The anomalous experiences are composed of a series of challenges for Psychology, Psychiatry and, therefore, for science. These experiments suggest that the human being presents characteristics unknown in the clinical scope, such as, for example, cases of synesthesia and / or apparently paranormal hallucinations. Rescuing an older perspective, the occurrences of anomalous experiences are described from the earliest days of humanity, so it is crucial to consider and understand not only the occurrence of this phenomenon, but also the scientific revolution in the face of these episodes.

Keywords: Anomalous Experience. Anomalistic Psychology. Phenomenon. Science.

INTRODUÇÃO

O termo “experiência anômala” (EA) é utilizado para mencionar um evento incomum (ex.: sinestesia, alucinação) ou que, apesar de haver muitos relatos de pessoas (ex.: experiências explicadas como telepáticas), não são consideradas como algo habitual ou de explicações evidenciadas comumente acolhida como concreto e/ou real. Ainda assim, vale ressaltar que essas experiências não possuem qualquer relação com a patologia ou monstrosidade (CARDEÑA, LYINN E KRIPPNER, 2000).

Nesta perspectiva, Hufford (1992), na população geral as EA são tão comuns que para as teorias da Psicologia (normal ou patológica) serem consideradas rematas é necessário leva-las em consideração. O pensamento de que essas experiências são

incomuns tem consistido em uma espécie de controle social, se caracterizando como um presságio que se auto realiza. Ainda assim, numa visão céptica, como acredita-se que essas vivências indiquem estados psíquicos relacionados ao sofrimento mental, poucas pessoas falam abertamente sobre essas experiências, pois apenas sujeitos que realmente perderam a crítica expõem suas vivências frente a esses fenômenos (HUFFORD, 1992).

Vale ressaltar que existe a possibilidade de estudar sobre as EA mesmo não partilhando das crenças que as constituem, porém, é necessário que suas implicações sejam levadas a sério, não subestimando as razões de tais fenômenos, como por exemplo, o motivo pelo qual algumas pessoas possuem predição de futuro, já que, tais prodígios podem ser estudados como vivências subjetiva e, assim, relacionados a outras informações (KING E DEIN, 1998).

ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E AS EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS

O termo “Espiritualidade” tem provocado grandes polêmicas no âmbito religioso da atualidade. Além do seu significado multiplicado por perspectivas distintas que o utilizam, há quem defina o termo “espiritualidade” para explicar um mundo além do plano físico a qual supõe-se que seja um mundo de entidades/divindades espirituais. Neste sentido, diversas vertentes religiosas buscam um caminho coerente com as vivências paranormais para justificar uma dimensão divina que atua na superfície como um plano terreno, humano e natural.

Partindo deste cenário, essas experiências contribuíram com o surgimento de um novo âmbito da Psicologia que tem como objetivo estudar além dessas experiências, os processos psicológicos a qual se relacionam com as influências sociais, crenças e aspectos neuronais e adjacentes. A psicologia anomalística como o próprio nome refere, trata do estudo psicológico de vivências atípicas, ou seja, experiências particulares estranhas, destoantes, irregulares. Podemos citar como exemplos dessas experiências subjetivas anômalas, as pessoas que apresentam sonhos lúcidos, alucinações e não possuem transtorno mental (CARDEÑA, LYNN & KRIPPNER, 2000; HOLT, SIMMONDS-MOORE, LUKE & FRENCH, 2012; ZUSNE & JONES, 1989).

Além dos exemplos acima citados em que o sujeito que passa pela experiência anômala, também incluem sinestésias e estados alterados da consciência onde são por muitos consideradas como um “dom paranormal” compreendidas assim, como algo subjetivo e inexplicável (CARDEÑA, LYNN & KRIPPNER, 2000; HOLT, SIMMONDS-MOORE, LUKE & FRENCH, 2012; ZUSNE & JONES, 1989).

É sabido que durante toda a história da humanidade os relatos frente a experiências anômalas têm percorrido juntamente as mais variadas culturas, com nomenclaturas distintas, bem como diferentes explicações que compõem um importante campo de estudo para a psicologia da cultura e da sociedade. Assim, essas experiências embora sejam vivenciadas por uma parcela resumida da população, são consideradas como desviantes de explicações ordinárias à partir de evidências palpáveis, interpretadas como aceitas na compreensão de coisas concretas (CARDEÑA, LYNN & KRIPPNER, 2000).

Dentre os principais relatos acerca dos tipos de experiências anômalas, pode-se mencionar as percepções extra-sensoriais, habilidade em influenciar pessoas a um determinado comportamento, capacidade de mover objetos, experiências fora do corpo, sensação de “quase morte”, curas através de misticismos ou estudos espirituais, etc. Deste modo, uma experiência anômala pode ser compreendida como um fenômeno de interação entre indivíduos e coisas através de eventos e/ou habilidades inexplicáveis no âmbito científico.

SOFRIMENTO PSICOLÓGICO COMO CONSEQUÊNCIA DE UMA EXPERIÊNCIA ANOMALA

A doença e o sofrimento são dois incômodos conexos. Contudo, é preciso ressaltar que as primeiras etapas de uma experiência espiritual ou religiosa podem envolver angústia e sofrimento que para serem superados necessitam de um entendimento e autocontrole na experiência de vida do sujeito. Na concepção de Greyson (1997), as pessoas que passam por essa experiência são tomadas por sentimentos considerados negativos como esmorecimento, angústia, raiva, além de declínio em seu posicionamento religioso. O indivíduo ainda começa a questionar sua sanidade mental, vivencia abalos e sentimentos de incompreensão por parte de profissionais de saúde e de familiares, visto

que em alguns casos, algumas pessoas que passam por essa experiência até rompem seu casamento e comprometem sua carreira profissional (GREYSON, 1997).

Ainda no que se refere ao sofrimento psicológico frente a essas vivências, a experiência anômala consegue, em alguns casos, provocar dor e sofrimento, pois uma vez que o sujeito possua uma disposição individual em desenvolver um determinado transtorno mental (independentemente dessas vivências), suas crenças espirituais e/ou religiosas possuem forte poder nesses aspectos. De toda maneira, os respectivos objetos carecem de ser compreendidos como acontecimentos naturais, pois “[...] a natureza não é tão rigorosa quanto aos seus limites como procuram ser as classificações feitas pelo homem. [...] a própria realidade... não é tão divisível como pensamos...ou como desejaríamos que fosse.” (RHINE, 1966 apud MACHADO, 2005).

A saúde mental sugere um ego estruturado, gerenciado de forma adequada, alinhada às atividades ocupacionais e relações interpessoais e afetivas. Lukoff et al. (1992) enfatiza que as pessoas que passam por experiências espirituais podem passar a se sentir desajustados temporariamente comparado a sua rotina, até que consigam compreender adequadamente e retomar seus hábitos normais (MENEZES JÚNIOR E MOREIRA ALMEIDA, 2009, P. 88).

Nesta perspectiva, cabe aqui então, uma justificativa para a busca de evidências frente as Experiências Anômalas:

Parafrazeando William James: a Psicologia não pode se dizer abrangente se falhar em dar conta das variedades das experiências distintas daquelas consideradas normais. Para compreendermos completamente a totalidade da experiência humana, precisamos fornecer explicações razoáveis dos fenômenos que, embora incomuns... são uma parte importante da totalidade da experiência humana... (CARDEÑA E OUTROS, 2000, P. 16).

Ainda, pode-se observar uma certa combinação entre os termos “religiosidade” e “espiritualidade” que não é incomum que sejam utilizados como se fossem sinônimos. Contudo, mesmo que de forma gradual, o significado da palavra “religiosidade” tem adquirido acepções mais específicas, envolvendo profundamente o domínio de um aprendizado acerca de uma determinada doutrina/religião. No que se refere a uma dimensão mais extensa, a “espiritualidade” é compreendida como algo que vai além do

plano aqui na terra, pois busca-se uma forma de dá sentido a existência humana sem que seja preciso regra-los a determinados comportamentos, já que trata o ser humano como único. Assim, a espiritualidade se envolve com o misticismo e a religiosidade, porém, não se limita a tal.

COMPATIBILIDADE ENTRE EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS E GRUPO CULTURAL OU RELIGIOSO

A compatibilidade das crenças e comportamentos individuais de um determinado grupo cultural alude uma adequação igualitária daquela que o sujeito vivencia a experiência com as práticas dos respectivos grupos evidenciando assim, a confirmação do prodígio. Porém, no que tangem aos relatos de Experiência de Quase Morte e/ou mediunidade, as vivências e relatos geralmente surpreendem os sujeitos, tanto à quem passa pela experiência quanto aos familiares e amigos próximos, além dos seus respectivos grupos religiosos, principalmente quando não se tem uma real compreensão do fenômeno ocorrido (MENEZES JÚNIOR E MOREIRA-ALMEIDA, 2009, P. 88-89).

É neste sentido que a compreensão ainda que simbólica/cognitiva se demonstra como crucial, pois deve-se levar em consideração a importância dos questionamentos acerca da experiência exatamente porque a priori, ela não surge como semelhante ao quadro de crença do sujeito, ou seja, a experiência também pode acontecer mesmo depois que a mesma experiência se confronte com o quadro de precedentes anteriores, como por exemplo, uma visão pirrônica das ocorrências. Esse conflito entre o vivenciar e a forma de enxergar o mundo pode ser alterado de acordo com a necessidade de compreender de forma mais ampla a experiência vivida. Na concepção de Sims (1988), a patologia que se relaciona com uma vivência espiritualista pode ser notada/analisaada tanto no comportamento do sujeito quanto na sua subjetividade, pois é na sua essência que se manifestam suas complexidades congruentes sendo compatível ou não com histórico de uma determinada desordem mental. Assim, quanto mais evidente o sujeito manifestar a patologia mais possibilidade existe de um determinado transtorno mental (MENEZES JÚNIOR E MOREIRA-ALMEIDA, 2009).

Todavia, por mais que pareça evidente a relação de um transtorno mental com uma experiência espiritual/religiosa, é preciso levar em consideração que o evento

anômalo uma vez que compreendido de forma aprofundada, se baseando também em relatos de outros que passam por situações parecidas, que buscam grupos para relatarem suas experiências individuais, não influenciará no desenvolvimento de uma patologia, pois uma experiência anômala uma vez que identificada (principalmente no âmbito religioso e/ou cultural) não fica à mercê de interpretações diversificadas por pessoas que iriam supor, sem uma observação penetrada na experiência, essência e crença do sujeito.

No que se alude a experiência anômala controlada:

Cabe a um ego vigilante controlar suas vivências habituais e garantir um bom desempenho pessoal e social. Caberá a ele, da mesma forma, controlar as experiências espirituais e religiosas, de modo a não prejudicar suas vivências habituais. Formas orientais de meditação, por exemplo, tendem a atrair indivíduos com transtorno de personalidade borderline e narcisista, que têm uma frágil integração psicológica, podendo gerar nesses indivíduos falsas experiências de iluminação, repletas de visões aterradoras (MENEZES JÚNIOR E MOREIRA-ALMEIDA, 2009, P. 89)

Nesta perspectiva, percebemos a questão de controlar a experiência, sendo que, em indivíduo com um considerável equilíbrio emocional, se perpetra pela busca ou construção de definições e significados para a respectiva experiência. Assim, compreende-se que essas experiências assumem aspectos de patologias, não que sejam, mas na perspectiva de uma boa parcela que vivencia e outros que se baseiam no que ouve falar (ditos populares), visto que nesse sentido, até mesmo as personalidades que seguem sua cultura religiosa são criticadas na contemporaneidade como alguém que carrega consigo problemas de caráter patológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, em meio a tudo que foi mencionado podemos completar este artigo, ainda que de modo transitório, que essa experiência é percebida como algo que envolve desordem e descontrole, ainda que não sejam incomuns casos em que os indivíduos buscam uma compreensão fora do contexto clínico, adentrando-se a uma totalidade mística, religiosa ou espiritualista, dentro de suas crenças ou percepções referentes a fenômenos paranormais. Algumas pessoas (mesmo que mentalmente) conseguem

desenvolver um autocontrole, um olhar para dentro de si que ao invés de prejudicar seu quadro cognitivo, favorece em todos os seus âmbitos (inclusive interpessoais), ou seja, é preciso considerar que nem todos que passam pela referida experiência são mentalmente doentes ou necessariamente desenvolvem conflitos, já que alguns conseguem se constituir, se recompor a partir da compreensão do verdadeiro sentido dessas vivências, ainda que inicialmente delirantes.

REFERÊNCIAS

GREYSON Bruce. The near-death experience as a focus of clinical attention. **Journal of Nervous and Mental Disease**. 1997;185(5):327-33.

HUFFORD, D. J. **Paranormal Experiences in the General Population**. The Journal of Nervous and Mental Disease, v. 180, n. 6, p. 362–368, jun. 1992.

KING, M. B.; DEIN, S. **The spiritual variable in psychiatric research**. **Psychological medicine**, v. 28, n. 6, p. 1259–1262, 1998.

LUKOFF David; LU, Francis TURNER, Robert. Toward a more culturally sensitive DSMIV: psychoreligious and psychoespiritual problems. **Journal of Nervous and Mental Disease**. 1992;180(11):673-82.

MACHADO, F. R. (2005). **Parapsicologia no Brasil. Entre a cruz e a mesa branca**. Boletim Virtual de Pesquisa Psi. vol 2.

MENEZES JÚNIOR, Adair de, & MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Differential diagnosis between spiritual experiences and mental disorders of religious content. **Archives of Clinical Psychiatry**, 2009, 36(2), 75-82.

RHINE, J. B. **O novo mundo do Espírito**. São Paulo: Bestseller, 1953/1966. P 286.

SIMS, Andrew. **Symptoms in the mind**. London: Ballière Tindall; 1988.